

Do paralaxe às redes: Considerações sobre a implementação do VAR na sociedade em midiatização¹

Pedro Vasconcelos Costa e Silva²
Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A partir da observação da imagem sociotécnica que emerge do VAR (Árbitro Assistente de Vídeo) o artigo busca tensionar aspectos relacionados a sua inserção no campo esportivo. Busca-se neste sentido, não só compreender aspectos relacionados à materialidade dessa imagem, mas também refletir sobre o seu papel na circulação e construção dos modos de uso, imaginários e discussões sobre o árbitro assistente de vídeo.

PALAVRAS-CHAVE: VAR; futebol; midiatização; circulação; esporte.

1. Apresentação

O Internacional acabara de vencer o Bahia por três a um em seu estádio pela décima rodada do campeonato brasileiro de 2019. No vestiário tricolor, jogadores e dirigentes concedem entrevistas em tom de revolta. A crítica é direcionada ao árbitro do jogo, que teria, supostamente, validado um gol ilegal da equipe colorada após uma consulta ao árbitro assistente de vídeo (VAR)³.

A reclamação da equipe baiana poderia ser só mais um caso de polêmica envolvendo a arbitragem brasileira e sua dificuldade de lidar com a complexidade da ferramenta recém instaurada na prática esportiva, mas este acontecimento trouxe à tona um aspecto cada vez mais debatido no campo midiático, a natureza de uma imagem implicada pela softerização das decisões do árbitro, e as disrupções que essa imagem provoca na prática do jogo.

Em entrevista coletiva o presidente do Bahia Guilherme Bellintan ressaltou:

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPGC da UNISINOS, e-mail: pedrovasconceloscsilva@outlook.com.

³ VAR (sigla em inglês para vídeo assistant referee ou árbitro assistente de vídeo). O VAR representa uma das maiores transformações na dinâmica do jogo de futebol. Composto por um conjunto de câmeras que transmitem imagens para uma cabine dotada de especificidades tecnológicas. Quatro árbitros auxiliares analisam as jogadas e auxiliam o árbitro de campo em lances cruciais como: penalidades máximas, gols, cartões vermelhos e erros de identidade de jogadores.

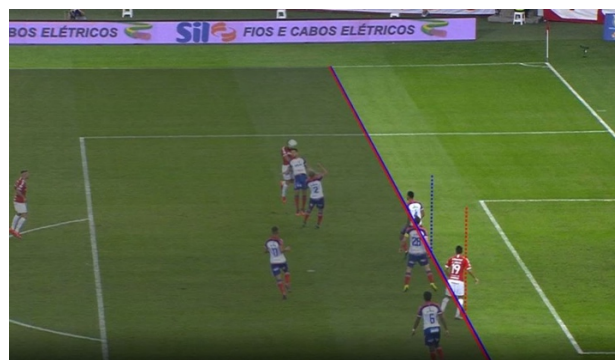
- A gente defenderá sempre o uso da tecnologia. Dizem que há uma imagem 3D que foi usada para confirmar o primeiro gol. A gente clama que a CBF entenda que não é a tecnologia que irá resolver se as pessoas não estiverem preparadas.

Um dia depois a realização da partida a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) divulgou a imagem utilizada pelos juízes para validar o gol. A olho nu, Rodrigo Lindoso, autor do gol parece estar claramente impedido, entretanto as imagens utilizadas pelos árbitros são resultado de uma combinação tecnológica superior ao tradicional “tira teima” utilizado pelas emissoras detentoras dos direitos de transmissão dos jogos de futebol no Brasil.

Trata-se de um *software* que auxilia um dos assistentes de vídeo a traçar as linhas, desenhar os pontos de referência e mostrar, por exemplo, que o pé do zagueiro do Bahia está na frente do Lindoso a partir de um difícil cálculo de perspectiva (paralaxe).

Um detalhe captado apenas com auxílio maquínico, que almeja se distanciar a falibilidade da interpretação humana de decisões importantes do jogo, mas que na prática tem complexificado a decisão da arbitragem, agora atravessada pelo uso tecnológico.

Figura 1 - imagem utilizada pelos árbitros para validar o gol de Lindoso



Fonte: O SUL (2019)

A imagem circulou no campo midiático, foi discutida no campo esportivo e gerou uma perplexidade entre os atores, estranhamento diretamente racionado a sua qualidade técnica, capaz de tomar decisões inéditas no campo do jogo.

Para este exercício interessa explorar não só as disrupções que essa imagem provoca na prática esportiva, mas sim cercar, rastrear e investigar a qualidade técnica desta imagem, tal como a circulação dos sentidos, por ela provocados.

O caso adotado neste trabalho faz parte da coleção de eventos que tenho trabalhado na construção do texto de minha tese, que elege o VAR como um potente dispositivo para se pensar em problemática contemporâneas que extrapolam o campo esportivo: como vigilância, inovação e construção de sentidos em uma sociedade em midiatização.

2. O VAR no contexto da sociedade em midiatização

A discussão sobre a necessidade e viabilidade da implementação do VAR no futebol profissional emerge em um cenário complexificado de mercadorias, discursividades e tecnologias emergentes no esporte e na sociedade.

Em 2018, durante a Copa do Mundo daquele ano, o VAR seria testado em nível mundial, embora no ano anterior ele já tivesse sido implementado em competições menores a nível de experimentação.

O VAR desponta como um objeto emergente, a mais recente e significativa inovação tecnológica de um contexto de espetacularização do esporte, sobre o qual os campos midiático e esportivo construíram por meio de relações homólogas um universo social e simbólico vasto e complexo.

O meu ingresso no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, mais especificamente na linha de pesquisa 4 – Midiatização e Processos Sociais, coincidiu com as primeiras experimentações de introdução do VAR no futebol.

No decorrer das disciplinas, a implementação do dispositivo tecnológico aparecia nas discussões em sala de aula como um processo inscrito na sociedade em midiatização, capaz de mobilizar reflexões relacionadas à bibliografia adotada e tensionada pelos professores e alunos.

Questões relacionadas à vigilância, mitificação da justiça, determinismos tecnológicos e transformações relacionadas à processualidade e ambiência do jogo surgiam a todo instante, indicando a fertilidade de problemas que o dispositivo guardava em sua natureza midiática.

A temática também pulsava na conversação cotidiana do mundo esportivo. O VAR se incorporava às discussões das tradicionais mesas-redondas, nas discursividades ordinárias de torcedores em interações face a face ou em debates travados nas redes

sociais. Os atores sociais esportivos estavam, de forma generalizada, envolvidos nas discussões relativas à eficácia do dispositivo tecnológico recém implementado.

Este artigo apresenta inferências de um trabalho que se dá processualmente, uma vez que está sendo construído ao mesmo tempo que o VAR vai sendo implementado e testado.

Procuro evidenciar, portanto, aspectos pertinentes às ofertas feitas por essa inovação tecnológica. Ressaltando o engajamento das entidades e instituições esportivas, explorando aspectos técnicos e sociais de sua implementação tardia – quando comparada à implementação da tecnologia de vídeo em outros esportes.

Por meio dos primeiros manuais de uso (confeccionados pela FIFA, IFBA e no contexto brasileiro pela CBF) é possível construir um cenário sobre as promessas de ofertas desta tecnologia, que visam atender demandas para um sistema mais rigoroso de justiça no campo de jogo.

Se antes o vídeo, a transmissão do jogo e suas narrativas repercutiam apenas do lado de fora do campo, agora ela age legalmente, instantaneamente e decisivamente na dinâmica performativa da partida.

Bastou que o VAR fosse introduzido de forma oficial pela FIFA na Copa do Mundo de 2018 para que as discussões sobre o seu uso e sobre suas possibilidades emergissem em programas de debate esportivo e entrassem de vez na falação esportiva cotidiana como elemento constitutivo da partida de futebol.

Acontecimentos disruptivos (lances envolvendo o mal-uso do VAR ou defasagens em sua eficácia) originaram uma vasta materialidade de natureza midiática sobre “polêmicas” de sua utilização, dentre elas o caso trazido para a discussão desse artigo.

A implementação do VAR no campo esportivo se dava de forma conflituosa. Os acontecimentos do campo de jogo se espraiavam para intensos debates entre as instituições esportivas, jogadores, árbitros, torcedores e agentes jurídicos, que levaram a partida a novas instâncias competitivas.

Hoje o monitor de vídeo não está apenas na casa de quem assiste, ou nas cabines de transmissão. O vídeo e suas imagens estão dentro do campo, funcionando como um vigilante, também pelos olhares mais distantes da audiência. Questão que suscita reflexões com a discussão sobre o tempo em que vivemos em diversas práticas sociais, atravessadas por modos de vigilância, envolvendo maquinismos, privacidade e outras

questões que também serão abordadas mais amplamente no meu esforço de escrita da tese.

Neste texto, trabalho sobretudo, com a ideia de que as processualidades do VAR se dão neste lugar da circulação (FAUSTO NETO, 2008), outro conceito central para o meu trabalho. Tal espaço está marcado, no contexto do VAR, por uma defasagem no encontro das lógicas de oferta e de reconhecimento, produzindo efeitos sobre a performance esportiva, gerando discursividades que se espraiam para além do campo esportivo.

Por um lado, questiono como se dão as ações comunicacionais dos atores esportivos (federações, clubes, especialistas, árbitros e atletas) que defenderam e viabilizaram a implementação do VAR enquanto uma oferta inovadora do espetáculo esportivo em uma *sociedade em midiatização*. Por outro, pergunto como se dão as disrupções resultantes das dinâmicas e estratégias da oferta do VAR e de seu uso por parte de um universo mais imediato da disputa esportiva (jogadores, torcedores e árbitros), e também por parte das discursividades que emergem destes eventos, em debates protagonizados por atores sociais nas redes e em outros espaços de interação.

Compreendo esta construção coletiva do VAR neste espaço da circulação complexificado da *sociedade em midiatização*. Para Braga (2006, p.2), a midiatização caminha para se tornar um processo interacional de referência, assim como outrora fora a escrita.

Um processo interacional “de referência”, em um determinado âmbito, “dá o tom” aos processos subsumidos – funcionam ou passam a funcionar segundo suas lógicas. Assim, dentro da lógica da mediatização, os processos sociais “da mídia” passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem mas se ajustam (BRAGA, 2006, p.2).

Neste sentido é possível observar que a aplicação desta inovação tecnológica no campo esportivo se deu após debates entre os campos sociais, que podem ser capturados por meio das materialidades e discursividades midiáticas que emergem sobre o tema, antes mesmo de sua aplicação.

Tanto o debate sobre a necessidade de sua implementação, como as discussões sobre a eficácia de seu uso ganharam as redes sociais de torcedores, atletas e clubes. Os meios de comunicação tradicionais, por sua vez, também promovem intensos debates nas famosas mesas redondas, novos quadros de discussão sobre a arbitragem aparecem. O tradicional comentarista especializado na arbitragem comenta não só a performance do

árbitro na aplicação da regra, mas também a sua capacidade de usar corretamente a tecnologia de vídeo para sua aplicação.

Outro aspecto importante está relacionado às processualidades do VAR e a observação da sua dimensão de dispositivo interacional, definido por Braga (2011) como:

(...) espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio – e – erro, pelos agenciamentos táticos locais - em suma – pelos processos específicos das experiências vividas das práticas sociais (BRAGA, 2011, p.11).

Aqui espero ressaltar, de forma indiciária, a natureza de dispositivo interacional da tecnologia de vídeo. Tateando sua capacidade de agenciar e propiciar novas estratégias e performatividades que surgem dentro do campo de jogo entre jogadores, atletas e torcedores - reconfigurando aspectos relacionados à sua espacialidade (jogo que acontece para além das quatro linhas, em cabines e telas usadas para as decisões dos juízes) e na temporalidade (alterações que se dão na dinâmica e no tempo de jogo, agora atravessado pelas interrupções para análise do vídeo).

A temporalidade do jogo, por sua vez, também se prolonga pela falação do jogo. Discussões de torcedores e especialistas que colocam o VAR como um tema recorrente nas pautas relacionadas ao calendário esportivo do futebol espetacularizado. Neste sentido o aporte teórico da midiaticização parece ser apropriado para a condução das reflexões explicitadas aqui.

Sobre uma tradição dos estudos em midiaticização no mundo, recentemente, o pesquisador inglês Nick Couldry e o alemão Andreas Hepp (2020, p.54) em um livro⁴ dedicado ao tema, apresentam a midiaticização “(...) como um conceito que nos auxilia a analisar criticamente a *inter-relação* entre as transformações nas mídias e na sociedade, por um lado, e as transformações na cultura e na sociedade por outro”. (COLDRY E HEPP, 2020, pg.54)

A midiaticização se distancia, por tanto, dos estudos que procuravam observar supostos efeitos das mídias na realidade social, como algo externo à sociedade.

Não se trata de um conceito sobre efeito das mídias, mas sim de um conceito *dialético* - de mão dupla - para compreender como as transformações da cultura e da sociedade se entrelaçam às transformações específicas nas mídias e na comunicação. Não podemos teorizar as mídias e as comunicações como influências “externas” sobre a cultura e a sociedade pela simples razão de constituírem integrante delas (COULDRY E HEPP, *ibidem.*).

⁴ A construção mediada da realidade (2020).

É possível encontrar paralelos entre os estudos europeus sobre midiatização com as investidas latino-americanas, impulsionadas, sobretudo, pelos esforços de mais de vinte anos dos docentes da linha de pesquisa Sociedade e sentido do Programa de Pós-Graduação da UNISINOS.

Este trabalho não tem como objetivo fazer um detalhamento epistemológico de diferenciações e aproximações entre as correntes do estudo, embora, em algum momento desta trajetória, seja importante traçar um panorama breve sobre o entendimento que autores europeus como Livingstone (2016); Hepp (2014 e 2020); Coldry (2015; 2020); Hajvard (2015) e Kanoublauch (2013) fazem do conceito.

Tal apresentação, por sua vez, visa auxiliar na compreensão e justificativa da predominância do arcabouço teórico voltado aos estudos latino-americanos relacionados à midiatização.

A priori cabe enfatizar que tal escolha está relacionada sobretudo à importância e longevidade dos estudos latino-americanos que, influenciados por Eliseo Verón, elegeram a circulação como um dos eixos centrais da midiatização já no final do século XX.

Para Ferreira (2016), há uma distância na compreensão sobre o problema comunicacional, que na perspectiva dos nórdicos estaria dando pouca atenção ao lugar da circulação nos processos comunicacionais.

A nossa inferência é de que alguns desses autores não tomam a questão comunicacional-midiática como central, conforme as linhagens de pesquisa em comunicação (a relação da produção com o problema da recepção, dos usos, do consumo). O foco são as relações entre processos midiáticos e processos sociossimbólicos sem a mediação de questões e problemas inaugurados pela comunicação midiática (cuja lógica remete à tríade produção, recepção e circulação). Miège (2006) e Peraya (1999) são os mais próximos dessas reflexões desenvolvidas nas correntes sul-americanas, cujos polos estão em grupos de pesquisa na Universidade Nacional de Rosário, na Universidade de Buenos Aires e no grupo a que pertencemos (FERREIRA, 2016, p.200).

Já demonstramos a importância da circulação para o entendimento da natureza disruptiva do VAR. Neste sentido iremos apresentar aspectos indicativos da possibilidade da observação do objeto como um dispositivo interacional potente da sociedade em midiatização, descrita por Braga (2006; 2010).). O VAR, por sua vez, produz discursividades imagéticas, cujas reverberações foram pensadas a partir das discussões da imagem como “valor” feitas pela professora Ana Paula da Rosa (2013; 2014).

Todo este cenário parece estar, também, envolto por uma nova ambiência, trabalhada na perspectiva de Gomes (2015;2017), através da qual foi possível descrever e contextualizar o tecido social em que se desenvolvem as interações pertinentes à introdução do VAR no campo esportivo.

Estas discussões alicerçam a construção da minha tese e são importantes para a problemática que proponho neste trabalho. Neste sentido os conceitos serão retomados conforme formos destrinchando o caso e problemática central deste texto.

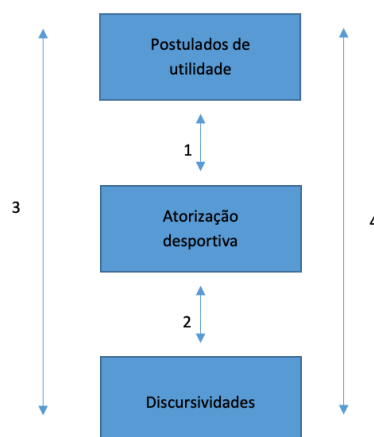
3. Dos postulados de uso à sua atorização social

Parto da ideia que a imagem “softwerizada” que emerge do lance do gol do jogador do Internacional, circula em dois espaços distintos. Um primeiro mais imediato, ligado ao campo do jogo e um segundo advindo da noção de apropriação e valoração da imagem (da Rosa, 2013).

Tal imagem se origina obviamente da utilização do dispositivo, tomado como uma inovação no campo esportivo. A inovação guarda em si, postulados de uso, importantes para compreendermos aquilo que considero como usos disruptivos do VAR.

No esquema a seguir tento representar como se dariam essa circulação de sentidos acerca do VAR, aqui tomando como caso norteador, a imagem gerada no lance do de Rodrigo Lindoso.

Figura 1 - processualidades relativas à oferta e reconhecimento do VAR



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

As setas descendentes mostram primeiro os postulados de utilidade, que representam a inovação tecnológica, as características técnicas, as promessas de utilidade e de eficácia do dispositivo VAR. São estas características que irão subsidiar os argumentos de defesa da implementação e reforçar aspectos tecnicistas de sua relação com o jogo.

Antes de ser pensado como um *software* complexo, o VAR já era especulado, nomeado, teorizado, legitimado de forma coletiva na falação esportiva. Conjecturas e discussões acerca de um melhor modelo eram levantadas após cada erro grosseiro da arbitragem.

A autoria e os créditos pela inovação tecnológica entendida por VAR, ou seja, a construção do fato científico destacada pela perspectiva de laboratório de Latour (2000), está envolta por uma delicada negociação entre os cientistas e instituições que regulam o futebol.

A demanda espontânea do campo esportivo por uma tecnologia de vídeo eficiente estimulou muitos inventores a pensarem em sistemas semelhantes ao VAR. Com isso, a propriedade intelectual da tecnologia usada pela FIFA está cercada por disputas no campo jurídico. Atualmente, existem dois casos principais de cientistas que acusam a entidade de plágio.

Nos anos de 2018 e 2019, o VAR, pensado teoricamente, é estruturado por regras, sai do papel e passa a ser utilizado em campeonatos internacionais e nacionais. É na aplicação e funcionamento desses enunciados e regras que as disrupções aparecem.

. Durante as disputas esportivas no campo do jogo, que chamo de atorização desportiva, os atores sociais fazem usos diferentes, via estratégias (Bourdieu,1983), daqueles previstos nas normas, gerando tensionamentos entre os sujeitos e as instituições.

Jogadores lançam mão de novas estratégias, a subjetividade dos árbitros e falibilidade da interpretação humana colocam em evidência novos discursos que rompem com os enunciados construídos pelas instituições que aplicam o VAR.

É neste período que os acontecimentos de natureza disruptiva que tenho observado se localiza. O auxílio do árbitro assistente de vídeo, enquanto uma intervenção colateral, cria novas complexidades no campo de jogo. Ao invés de resolver problemas de interpretação antigos, faz irromper novas processualidades e novos problemas de natureza tecnológica. O VAR, pensado e estruturado em normas, passa a ser atravessado pelos

modos de uso inesperados, que reconfiguram sua prática, gerando tensionamentos e desconfortos de todas as ordens no mundo esportivo.

Estas disrupções provocam por sua vez, novas discursividades sobre o uso do VAR, mas já em outra esfera, que intervém, via discursividades específicas, oriundas de instâncias de observação de outros campos e de seus agentes: comentaristas em programas esportivos, torcedores e jogadores nas redes sociais, dirigentes, árbitros e ex-árbitros colocam em circulação novas discussões que emergem a partir da manifestação de lances disruptivos. Os atores sociais apontam a falibilidade da tecnologia e discutem novas soluções para os problemas indicados.

Já as setas ascendentes representam os *feedbacks* de todas as ordens que surgem após a atorização desportiva. Os eventos disruptivos geram debates entre as instituições que discutem e constroem as regras e enunciados, que por sua vez também irão exercer influência na matriz dos postulados de utilidade, que certamente irão fazer reformulações nas normas de utilização do VAR.

4. Do paralaxe às redes: Primeiras inferências sobre o acontecimento

Para além da imagem produzida por cinegrafistas, habituados a linguagem do espetáculo, há uma característica no VAR que ultrapassa a qualidade da imagem produzida da relação do olhar entre o homem e máquina fotográfica. Um caráter ícone-indicial, semelhante aos das câmeras automáticas (de vigilância) sobre as quais Carlón (2014) faz importantes ponderações:

(...) câmeras de controle de tráfego, esse dispositivo enunciativo e representativo também apresenta um extraordinário poder denotador do real, graças ao seu caráter icônico-indexal (que faltava à pintura como registro incorporado) e que, da mesma forma, esse discurso é emitido pela Televisão ao vivo (que acentua ainda mais o poder denotador do carácter automático), podemos apenas assumir que o discurso representativo das câmeras de trânsito é, em grande parte, baseado em máquina (CARLÓN, p.135-136, 2008)⁵.

⁵ Tradução nossa do original : “De las cámaras de control de tránsito este dispositivo enunciativo y representativo presenta, además, un extraordinario poder denotativo de lo real¹⁵ gracias a su carácter icónico-indicial (del que carecía como registro incorporado la pintura) y que, asimismo, ese discurso se emite por televisión en directo (lo cual acentua aún mas el poder denotativo del carácter automático), no nos queda más que asumir que el discurso representativo de las cámaras de tránsito es, en gran medida, maquinístico” (CARLÓN, p.135-136, 2008).

Diferente das imagens automáticas das câmeras de segurança, o que parece haver de mais maquínico nas imagens do VAR são os engendramentos dos *softwares*, marcações e medições que vão além da capacidade humana. A tecnologia utilizada para a marcação do impedimento é o maior exemplo disso. O árbitro Ricardo Marques Ribeiro ressaltou, em entrevista para o portal *O sul*, o caráter não humano produzido pela imagem: “É para que entendêssemos que nem sempre a visão a olho nu corresponde à realidade” (MARQUES RIBEIRO, 2019).

O árbitro está se referindo à tecnologia capaz de apontar o paralaxe do lance. O paralaxe é resultado da observação de um objeto vistos dois pontos de visão, um conceito da física aplicado pelo programa. Tal observação permite uma decisão mais aguçada dos centímetros e milímetros que determinam ou não o impedimento. Caso o jogador esteja impedido, as duas linhas ficam vermelhas, se o jogador estiver em posição legal, a linha fica azul, como no lance retratado pela figura abaixo.

Com a complexificação dos processos midiáticos faz-se necessário compreender esta centralidade ressignificada da mídia, que passa a operar de maneira definitiva no discurso, estratégias e lógicas de todos os campos sociais. Embora não cite o conceito de midiatização, este movimento do autor colombiano constrói paralelos fortes com a proposta conceitual da área de concentração do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na Unisinos (PPGCC/Unisinos), constituída pelos processos midiáticos segundo cenários da sociedade em midiatização.

Para Gomes (2017, p.66), assumir a midiatização como um novo modo de ser no mundo é ir além da ideia de mediação: além de significar um enfrentamento do problema epistemológico da comunicação, encara a mídia como chave hermenêutica para a compreensão da sociedade contemporânea, atravessada por instabilidades de todas as ordens que resiginificam e transformam as mediações culturais indicadas por Martín-Barbero (1987).

Neste sentido, a observação do papel de mediação do árbitro inscrita por atravessamentos característicos da sociedade em midiatização pode ser revelador de transformação nas performatividades da sociedade contemporânea de uma forma espreada, para além do campo de jogo.

O caso aqui apresentado mostram algumas disfunções dos postulados de utilidade, que circulam para além do campo de jogo. Pode ser que o VAR ajustado erre cada vez

menos e consiga por exemplo acabar com as polêmicas de impedimento, mas a falação sobre o jogo estará sempre em disputa pelos atores esportivos.

No jogo entre Bahia e Internacional pelo campeonato Brasileiro de 2019, apesar do uso do *software*, os dissensos prevaleceram sobre os consensos nas redes sociais, como mostra o tuíte do torcedor Luiz Antonio Simas:

Figura 3 - tuíte do torcedor Luiz Antonio Simas questionando a decisão do VAR no jogo entre Bahia e Internacional pelo Campeonato Brasileiro 2019



Fonte: Twitter de Luiz Antonio Simas (2019)

O torcedor questiona o procedimento do VAR e do *software* utilizado para traçar as linhas do impedimento, entretanto, a discussão parece se estender para além de uma análise técnica sobre o uso do VAR e entrar na dimensão da cultura do jogo, em uma discussão repleta de rivalidade e historicidade.

Deste modo, torcedores rivais questionam o fato dos jogadores e dirigentes do Bahia estarem reclamando da atuação do VAR, fazendo a alusão a supostos lances sobre os quais o time tenha se beneficiado ao longo da história, como mostra o Tuíte abaixo do torcedor:

Figura 4 - Tuíte do perfil ICHU NOTÍCIAS questionando a reclamação dos atletas e dirigentes do Bahia



Fonte: Twitter de ICHU Notícias(2019)

As discussões se estendem, somam-se a outros debates do passado, se complexificam. Os tuítes, as imagens que circulam nas redes, as discussões nas emissoras de televisão formam um corpus complexificado. Difícil de ser cercado em sua totalidade, característico dos casos em uma sociedade em midiatização.

A complexificação do caso em midiatização não se dá somente pela diversidade de dispositivos tecnológicos e de redes envolvidas no processo, mas pela forma como os sentidos do VAR também se espriam. Como evidência disso, o humor tem ressignificando os seus sentidos. Torcedores se apropriam do seu uso para fazer críticas ao seu uso, traçando linha irônicas, demonstrando ou indicando a falibilidade da tecnologia.

Tomando como referência as discussões propostas pela pesquisadora Ana Paula da Rosa (2016) sobre a imagem no contexto da circulação, é possível ver que a imagem do VAR também é emergente do campo humorístico, como um dos resultados dos engajamentos dos atores sociais, que atribuem valores às imagens a partir de um processo de sua recontextualização.

As elaborações sobre um determinado produto se dão de forma espriada. A pesquisadora explica que elas emergem tanto de instituições tradicionais, como de instâncias amadoras, que se manifestam, sobretudo, por meio de redes sociais (ROSA, 2016, p.4).

Trata-se de um nível de apropriação por parte de um campo leitor do jogo que é a mídia. Neste caso, por exemplo, a imagem elaborada a partir das noções do paralaxe, simulando uma falta, entra em circulação através da transmissão do jogo pelas emissoras detentoras dos direitos de imagens. Atores sociais usam as imagens originais ressignificando seus sentidos, conferindo a elas características do humor, da crítica social e também esportiva.

5. Considerações finais

O VAR tem aparecido como tema de pesquisa em inúmeros trabalhos nos últimos anos, tornando-se necessário localizá-lo em uma visada inédita, na perspectiva dos estudos da sociedade em midiatização, construindo paralelos com aspectos mais abrangentes da sociedade como a vigilância e as disputas de sentido que se dão em uma

ambiência diferenciada, marcada pela ação midiática nas lógicas de funcionamento dos demais campos sociais.

Utilizei o caso do gol de Lindoso, pois ele permite a localização de três lugares centrais para observação do meu problema de pesquisa em construção. O primeiro, anterior ao processo de implementação, marcada pela construção dos manuais de seu uso e sobre a construção das ofertas possibilitadas pela criação do VAR.

O segundo lugar se dá na observação imediata de seu uso no jogo de futebol. Onde se dão as primeiras disrupções ligadas ao seu uso, marcadas pelas estratégias dos atores esportivos no campo de jogo.

O terceiro lugar é o da chamada falação esportiva, o da falação sobre o VAR. Que sai do campo de jogo e passa a circular no debate esportivo, tanto nas empresas tradicionais de mídia como nas redes sociais.

Foi demonstrado, a partir de um fluxograma, que estes três lugares estabelecem relações mútuas entre si. São as disrupções do campo de jogo que possibilitam que alterações sejam feitas nos manuais de uso do VAR, que por sua vez estabelecem novos comportamentos e performatividades no campo de jogo e no espetáculo esportivo. O campo midiático se apropria deste novo espetáculo de diversas maneiras, promovendo debates que podem interferir tanto no campo de jogo como no processo de reformulação dos manuais de uso do VAR.

Neste sentido o *corpus* adotado para este artigo demonstra que a materialidade com que eu irei trabalhar mais a frente se manifesta em uma dinâmica singular, na processualidade da sociedade em midiaticização. Meu lugar de observação e a leitura que faço deste fenômeno precisa ser distinta das leituras feitas pelos atores esportivos, torcedores e jornalistas.

Neste sentido, como exercício, procurei observar aqui aspectos relacionados à pluralidade de acionamentos do VAR. Aceitando e compreendendo a complexidade das materialidades que se multiplicam a cada rodada das competições esportivas.

4. Referencias bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Algumas propriedades dos campos**. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Circuitos versus campos sociais.** In: JANOTTI Junior, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mídiação.** Salvador – Brasília; EDUFBA - Compós, 2012.

_____. **Dispositivos interacionais.** In: ENCONTRO DA COMPÓS, 21, 2011. Porto Alegre (RS). [Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação].

CARLÓN, Mario. **Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos.** Buenos Aires: La Crujía, 2004.

_____. **Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discurso de las cámaras de informes climáticos y de control de tránsito por televisión.** Buenos Aires: CIC Cuadernos de Información y Comunicación 2008, vol. 13 131-141.

DA ROSA, A. **Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem.** Revista Observatório, v. 3, n. 1, p. 327-351, 30 mar. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2936>. Acesso em 02 de novembro de 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mídiação: prática social, prática de sentido.** In: ENCONTRO REDE PROSUL: comunicação, sociedade e sentido, 2006 (Seminário de mídiação). Anais. São Leopoldo: Unisinos. PPGCC, 26.

_____. Fragmentos de uma —analítica‖ da mídiação. Revista **Matrizes**, São Paulo, n.1, v.2. 2008.

_____. As bordas da circulação. In: Alceu, v.10, n.20, jan-jun, 2010. p. 55-69

FERREIRA, Jairo. **A construção de casos sobre a mídiação e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens.** In: Revista Galáxia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Nº 33, 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à mídiação: um conceito em evolução.** São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

LATOUR, Bruno. (1992), *Aramis ou l'amour des techniques.* Paris, La Découverte.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: UNESP, 2000.